

CRESCIMENTO URBANO E DINÂMICAS SOCIOECONÔMICAS NAS CIDADES AMAZÔNICAS: Um Estudo de Caso da Cidade de Soure-PA/Brasil

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2025.63.16790>

Submetido em: 3/12/2024

Aceito em: 8/8/2025

Publicado em: 22/10/2025

Giovanna Vieira Domiciano¹
Sandra Maria Fonseca da Costa²
Monique Bruna do Carmo³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise multitemporal do crescimento da cidade de Soure, localizada no Pará, entre os anos de 1980 e 2022, mostrando a sua importância na rede urbana local e o perfil socioeconômico de seus moradores. Foram utilizados dados de sensoriamento remoto para mapear o crescimento da área urbana, dados demográficos do Censo do IBGE de 2010 e 2022, análises bibliográfica e documental e aplicação de 357 formulários para compreender o perfil de seus moradores. Os resultados obtidos permitem-nos compreender o perfil socioeconômico dos moradores de Soure e, principalmente, a importância exercida pela cidade dentro da rede urbana. A pequena cidade de Soure (PA), localizada no arquipélago do Marajó, inserida na Região Intermediária de Breves, configura-se como um “nó urbano” de importância para moradores de cidades próximas. Sua economia é influenciada pela atividade turística e agropecuária, o que a diferencia das demais cidades do arquipélago, que possuem uma economia vinculada à floresta. Segundo os dados do Censo, houve um crescimento populacional significativo nas últimas quatro décadas, refletido na sua área urbana, porém esse crescimento não foi acompanhado por investimentos em infraestrutura e serviços urbanos. Mesmo, entretanto, com infraestrutura precária, a cidade de Soure tem concentrado prestações de serviços, tais como educacionais, o que tem atraído a população a se deslocar para a cidade.

Palavras-chave: Soure; pequena cidade; Amazônia; turismo; economia bubalina.

URBAN GROWTH AND SOCIOECONOMIC DYNAMICS IN AMAZONIAN CITIES: A CASE STUDY OF THE CITY OF SOURE – PA / BRAZIL

ABSTRACT

This study conducts a multitemporal analysis (1980-2022) of urban growth in Soure, Pará, examining its centrality within the regional urban network and residents' socioeconomic profiles. Methodologically, it integrates remote sensing, IBGE census data 2010 and 2022, documentary review, and structured surveys of 357 residents. Findings identify Soure – a minor town in Marajó Archipelago's Breves Intermediate Region – as a critical service hub for adjacent communities. Its tourism/livestock economy contrasts with the forest-based economies of neighboring municipalities. Significant demographic growth observed across four decades has outpaced infrastructure investments. Nevertheless, Soure attracts migration through concentrated service delivery (e.g., educational facilities), despite persistent urban deficiencies.

Keywords: Soure; small city; Amazon; tourism; buffalo economy.

¹ Universidade do Vale do Paraíba – Univap. São José dos Campos/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8816-6560>

² Universidade do Vale do Paraíba – Univap. São José dos Campos/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0540-228X>

³ Universidade do Vale do Paraíba – Univap. São José dos Campos/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2743-5883>

INTRODUÇÃO

A formação dos espaços urbanos integra-se a uma dinâmica societária evolutiva, progressivamente intensificada pela migração populacional em busca de oportunidades laborais e aprimoramento das condições existenciais. Esse fenômeno assume contornos diferenciados conforme contextos nacionais e regionais. No Brasil, a expansão das cidades acelerou-se, notavelmente, na segunda metade do século 20, particularmente com a consolidação de metrópoles industriais, destacando-se São Paulo como epicentro produtivo nacional (Monte-Mór, 2006).

A centralidade paulista catalisou a integração de áreas periféricas ao território nacional (Becker, 1990), incluindo a Amazônia. Tal incorporação foi estimulada por políticas estatais orientadas à ocupação estratégica do território (Costa *et al.*, 2012).

Inicialmente, o ciclo da borracha, a partir do século 19, impulsionou a estruturação urbana regional, concentrando capitais que transformaram Belém e Manaus em polos econômicos (Machado, 1999). Após o declínio dessa atividade, a região somente reassumiu relevância nas agendas governamentais durante a Era Vargas, sintetizada no imperativo “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”, materializado pela criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) em 1953 (Andrade, 2010).

Entre as décadas de 1960-1970, reestruturações econômicas via planos de integração nacional redefiniram o papel amazônico (Becker, 2005; Machado, 1999; Corrêa, 1987; Sawyer, 1987). Conforme Becker (2005), a incorporação da região ao núcleo econômico nacional articulou-se a transformações urbanas, com intensificação do êxodo rural e dinamização produtiva em rede (Becker, 1990). Esse processo gerou o conceito de urbanodiversidade (Trindade Júnior, 2013), expressa na tríade morfológica: Cidades ribeirinhas, Cidades-rodovia e Cidades-empresa. Essa multiplicidade configura uma rede urbana complexa, refletindo a heterogeneidade territorial.

Outra característica do urbano da região é que há o predomínio de pequenas cidades com menos de 21 mil habitantes (Oliveira, 2006; Guedes; Costa; Brondízio, 2009). Aproximadamente 80% de sua população reside em cidades, de acordo com o Censo de 2010⁴ (IBGE, 2011), predominantemente, pequenas cidades.

Na Região Intermediária de Breves (IBGE, 2018), localizada no arquipélago do Marajó, Pará, as 16 cidades-sedes, dos municípios que compõem essa região, são pequenas cidades com menos de 50 mil habitantes, as quais possuem dinâmica econômica relacionada aos recursos da floresta/rios e às atividades rurais, porém com processos de formação bastante diferenciados. A cidade de Soure é um desses exemplos. Localizada no arquipélago, o município possui uma economia bubalina proeminente, entretanto o turismo é apontado como uma importante atividade econômica para os seus residentes.

Na cidade de Soure é possível observar os efeitos dessa urbanização impulsionada pelas políticas públicas. Soure faz parte de uma rede urbana, na qual pequenas cidades se caracterizam por uma economia baseada em comércio e serviços, sem a mesma intensidade de industrialização observada em outras regiões do país (Oliveira, 2006).

⁴ O IBGE, em novembro de 2024, ainda não havia divulgado os dados de população urbana do Censo de 2022.

Nesse sentido, o presente artigo apresenta uma avaliação das dinâmicas do crescimento urbano da cidade de Soure (PA), seus surgimento e particularidades socioeconômicas. Soure tem características econômicas distintas das demais cidades da Região Intermediária de Breves, portanto, partindo desta premissa, busca-se compreender o processo de formação da cidade e sua relação com o seu entorno imediato.

AS PEQUENAS CIDADES DA AMAZÔNIA E A REDE URBANA

O crescimento das cidades, no Brasil, inicialmente ocorreu de forma concentrada na região core do país e, posteriormente, integrou áreas distantes, como a Amazônia, impulsionado por políticas governamentais que visavam à ocupação massiva desse território (Monte-Mór, 2006; Becker, 1990). Neste processo, a economia da borracha teve papel fundamental no desenvolvimento inicial da urbanização da Amazônia, especialmente a partir da segunda metade do século 19 (Machado, 1999). Os recursos provenientes da exploração da seringueira foram direcionados majoritariamente para Belém e Manaus, resultando na criação de municípios que expressavam mais a expansão populacional vinculada à extração do látex do que um real enriquecimento das populações locais (Tavares, 1992).

De acordo com Becker (1990), apenas recentemente a região vivenciou uma ocupação rápida e sistemática, tanto por forças nacionais quanto internacionais. Na década de 1950 a Amazônia passou por reestruturações econômicas devido a planos governamentais que buscavam integrá-la ao restante do país (Becker, 2005; Machado, 1999; Corrêa, 1987; Sawyer, 1987). Becker (2005) ressalta que a incorporação da região ao núcleo econômico do Brasil foi acompanhada pela transformação das cidades em elementos estratégicos para a expansão do capital. Assim, com o aumento da população urbana, as cidades precisaram reorganizar-se, revelando que a estrutura produtiva em rede era a alternativa mais viável para o desenvolvimento amazônico (Becker, 1990).

Segundo Cardoso (2006), as cidades amazônicas desempenham um papel mediador entre políticas públicas e força de trabalho, configurando uma fronteira urbana. A autora identifica diferentes tipos de urbano na região: o das metrópoles e cidades médias, que oferecem serviços ao interior; o da fronteira agrícola, associado ao agronegócio; e o das pequenas cidades ribeirinhas e de fronteira, essenciais para a dinâmica socioespacial local.

Trindade Júnior (2013) aborda a diversidade urbana amazônica com o conceito de urbano-diversidade, que reflete a existência de múltiplos tipos de cidades e formas de urbanização, muitas vezes originadas de processos externos.

Sustenta-se que a complexidade socioespacial amazônica exige reconhecimento de sua diversidade natural (biodiversidade), social (sociodiversidade) e urbana (urbanodiversidade). Para isso, mostra-se, por meio da produção social do espaço, as particularidades sub-regionais presentes e a diversidade urbana a elas associadas (Trindade Júnior, 2023, p. 233).

Essa diversidade inclui formas híbridas de espaços e relações sociais (Trindade Júnior, 2013). A urbanodiversidade manifesta-se em padrões como cidades ribeirinhas, cidades-rodovia e cidades-empresa, formando uma complexa rede urbana. Análises tradicionais, no entanto, muitas vezes tratam as cidades de forma homogênea, sendo importante perceber que há tipologias específicas das pequenas cidades (Carmo, 2020).

Neste processo é importante ressaltar a predominância das pequenas cidades na Amazônia: mais de 80% destas cidades possuíam menos de 20 mil habitantes em 2010 (IBGE, 2011). Essas cidades, em sua maioria, têm infraestrutura precária e dependem de repasses públicos, com uma economia baseada no comércio e serviços, sem a presença significativa da industrialização (Oliveira, 2006). Essas localidades possuem uma dinâmica socioeconômica vinculada aos recursos da floresta e dos rios, muitas vezes invisíveis às políticas públicas federais, e carecem de investimentos que normalmente favorecem metrópoles e cidades médias (Montoiá; Costa, 2020).

Considerando essa predominância de pequenas cidades na região Amazônica, na discussão aqui apresentada reforça-se a contribuição de Trindade Jr., Silva e Amaral (2008), que discutem as características das cidades ribeirinhas, como Soure, no Pará. De acordo com esses autores, a urbanização, nesse contexto, é fundamental para entender as relações entre campo e cidade.

Schor e Oliveira (2011, p. 20) explicam que as pequenas cidades “desempenham papel importante na manutenção da rede em uma escala diferenciada”, pois exercem uma “função intermediária, entre os fluxos de transporte e comercialização, entre as cidades médias e as demais cidades pequenas e aglomerados humanos”.

Becker (2013) esclarece que são as relações que definem as cidades e rejeita o modelo “centro-periferia” ou hierarquias rígidas (como a teoria de Christaller) para explicar essas redes amazônicas. Para ela, a rede urbana amazônica é “Policêntrica, descontínua e articulada por fluxos materiais e imateriais” (p. 67). Para a autora, a rede urbana amazônica não é um sistema hierárquico, mas um mosaico de centralidades articuladas por fluxos, em que pequenas cidades desempenham papel estratégico na gestão do território-floresta. Castro (2008), nesta linha de pensamento, afirma que

Muitas pequenas cidades amazônicas são indígenas na composição demográfica, na cultura e na língua. Tem questões urbanas que emanam desse universo cultural. São igualmente inúmeros os povoados quilombolas, ou comunidades, com temas urbanos e demandas de direitos aos bens e serviços considerados urbanos. Essa realidade brasileira, multiétnica e multilinguística, é ainda pouco reconhecida na sociedade, mas também no campo da pesquisa e na ação política. Daí a necessidade de se compreender o que são essas cidades, mas com uma perspectiva teórica que abra as possibilidades de entendimento desse universo incomum a teorias convencionais sobre o urbano e a urbanização, para se poder captar a natureza de suas redes e as territorialidades em jogo na sua relação com o território da floresta tropical (p. 16).

Por meio de estudos das pequenas cidades amazônicas é possível compreender suas especificidades e a importância dessas para as redes urbanas locais. Observa-se que as singularidades das pequenas cidades resultam de processos históricos, econômicos e sociais diversos, destacando a importância de políticas públicas específicas para seu desenvolvimento. Na Região Intermediária de Breves (PA), que inclui os municípios do arquipélago do Marajó, além das atividades agroflorestais, como a produção do açaí, a produção bubalina e, mais recentemente, de arroz, tem influenciado na renda das famílias e na dinâmica destas cidades.

MATERIAIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para conhecer e avaliar a cidade de Soure esta pesquisa buscou levantar o processo de crescimento da cidade, o perfil da população urbana e as suas características socioeconômicas. Para mapear o seu crescimento entre 1980 e 2020, foram utilizadas fotografias aéreas, imagens de satélite (CBERS-4a) e imagens do landsat 7, disponibilizadas no Catálogo de imagens do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), obtida em 1988, 1999, 2011 e 2020. A partir dessas imagens foi mapeada a área urbana no período, sendo produzido um mapa de expansão da área urbana. Durante o trabalho de campo, realizado em julho de 2022 e janeiro de 2023, foi realizado voo de drone para coleta de imagens aéreas recentes da área urbana.

Foram obtidos e analisados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), número de habitantes, domicílios e da infraestrutura urbana a partir da década de 1980, conforme os setores censitários da cidade. Estes dados foram utilizados para compreender a dinâmica da cidade. No Arquivo Público do Estado do Pará, e em outros repositórios de dados históricos, como jornais disponibilizados na hemeroteca da Biblioteca Nacional, foram obtidas informações que permitissem reconstituir o processo de formação da cidade, de forma a compreender o seu processo de crescimento.

Para complementar a análise da pesquisa outros dados foram coletados para auxiliar na discussão sobre a função urbana de Soure, bem como sobre a oferta de serviços básicos aos seus moradores e aos moradores do entorno, se a atividade agropecuária e turística insere uma nova dinâmica econômica em Soure e outros fatores que são necessários para o estudo. Dessa forma, foram utilizados dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), disponíveis no *site* do governo federal⁵.

Foram aplicados 357 formulários aos moradores urbanos para obter informações sobre o perfil socioeconômico dos moradores da cidade, considerando uma amostra de 10% do total dos domicílios, seguindo a metodologia de Krejcie e Morgan (1970), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob CEEA nº 69815317.8.0000.5503.

O trabalho de Krejcie e Morgan (1970), publicado no artigo “Determining Sample Size for Research Activities”, é uma referência fundamental em metodologia de pesquisa para cálculo do tamanho de amostras em populações finitas. Os autores propuseram uma tabela prática e uma fórmula simplificada para determinar o tamanho mínimo de uma amostra, considerando o Tamanho da população (N), Margem de erro tolerável, Nível de confiança (geralmente 95%) e Proporção esperada (usando o cenário mais conservador, $p^* = 0.5$). A tabela sumariza os resultados dos valores amostrais para diferentes Ns. Assim, considerando o número total de domicílios urbanos levantados pelo IBGE no Censo de 2010 (IBGE, 2011), para a cidade de Soure (5.012 domicílios) e aplicando-se a fórmula ou observando a tabela proposta, chegou-se ao valor de 357 formulários aplicados, com 95% de confiança e margem de erro de 5%. Os formulários foram distribuídos de acordo com o número de domicílios existentes em cada setor censitário.

⁵ Disponível em: <https://basedosdados.org/dataset/3e7c4d58-96ba-448e-b053-d385a829ef00?table=dabe5ea8-3bb5-4a3e-9d5a-3c7003cd4a60>

A aplicação dos formulários seguiu a técnica da amostragem aleatória estratificada, pois o número de domicílios não é o mesmo em todos os setores censitários. A Tabela 1 sintetiza a distribuição dos formulários entre os diferentes setores.

Tabela 1 – Aplicação dos formulários de acordo com o número de domicílio dos setores censitários

Setores urbanos	Nº de domicílios	% de domicílios em relação ao total urbano	Nº de domicílios a serem amostrados
150790405000001	289	5,7	20
150790405000002	220	4,3	16
150790405000003	150	3,0	11
150790405000004	263	5,2	19
150790405000005	220	4,3	16
150790405000006	222	4,4	16
150790405000007	334	6,6	24
150790405000008	298	5,9	21
150790405000009	359	7,1	25
150790405000010	374	7,4	26
150790405000011	196	3,9	14
150790405000012	310	6,1	22
150790405000013	269	5,3	19
150790405000022	311	6,1	22
150790405000023	275	5,4	19
150790405000024	215	4,2	15
150790405000025	307	6,1	22
150790405000026	227	4,5	16
150790405000027	222	4,4	16
Total	5061	100,0	357

Fonte: Elaborada pelas autoras a partir dos dados do IBGE (2011).

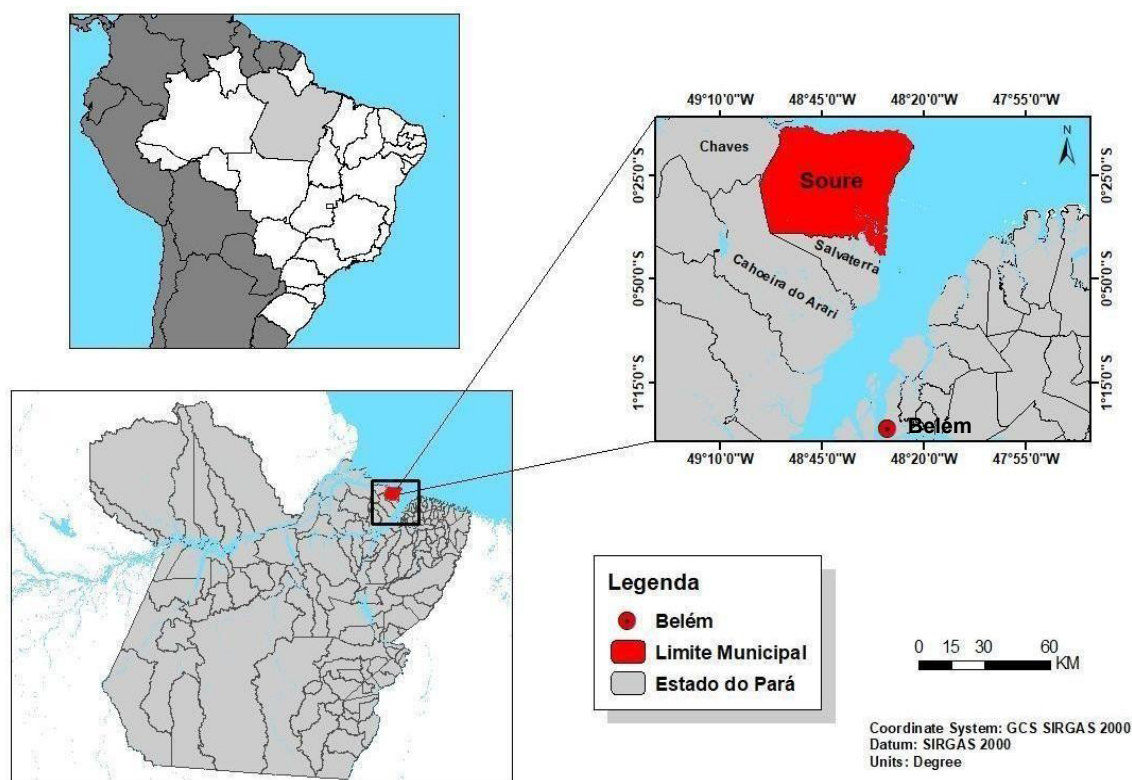
Após a aplicação dos formulários os mesmos foram tabulados para facilitar as análises propostas.

A CIDADE DE SOURE, PARÁ, E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

A cidade de Soure, situada na região leste do arquipélago do Marajó (Figura 1), tem um papel estratégico que é explicado por meio dos processos históricos e econômicos que moldaram a ocupação amazônica. Costa *et al.* (2022) explicam que sua origem remonta ao século 17, quando era habitada pelos indígenas Maruanazes e Mundis, até ser transformada em aldeia pelos padres de Santo Antônio, que a denominaram “Aldeia de Menino Deus”. Posteriormente, as políticas do Marquês de Pombal no século 18 resultaram na expulsão dos jesuítas e na elevação da aldeia à condição de Vila de Soure, destacando-se economicamente pela produção de carne bovina e peixe seco, voltados ao abastecimento da metrópole Belém.

No século 19 Soure consolidou-se como um local de recreio para os habitantes da capital paraense, sendo elevada à condição de cidade em 20 de janeiro de 1847 (Costa *et al.*, 2022). A cidade localiza-se cerca de 80 km de Belém, acessível por lancha ou balsa, sendo que a área total do município é de 3.512,863 km², sendo 6,06 km² ocupados pelo perímetro urbano. Com uma população de 23 mil habitantes, segundo dos dados do IBGE (2023), dos quais mais de 91% vivem na área urbana, Soure é um dos principais centros urbanos do arquipélago e parte integrante da região geográfica Soure-Salvaterra.

Figura 1 – Localização da Área de Estudo: Município de Soure-PA



Fonte: Elaborada pelas autoras a partir de dados do IBGE (2022).

Seu traçado urbano é caracterizado por ruas largas e bem arborizadas, organizadas em um padrão ortogonal (Figura 2), que facilita a circulação. As vias são numeradas, como “Rua Quarta” e “Travessa Dezesseis”, e o centro concentra as principais atividades comerciais e de serviços (Figura 3). Embora preserve construções antigas e possua um desenho urbano único, muitas ruas periféricas ainda carecem de pavimentação e saneamento básico, o que compromete a qualidade de vida dos moradores.

A cidade é uma referência regional tanto pela sua economia baseada na agropecuária quanto pelo turismo. A produção agropecuária, especialmente de búfalos, e o turismo atraem um fluxo diário de pessoas ao centro comercial de Soure, reafirmando seu papel como nó urbano no arquipélago. Apesar, contudo, de seu potencial, a cidade enfrenta desafios em infraestrutura, como a ausência de saneamento em áreas periféricas, e depende de Belém para o acesso a serviços especializados.

Figura 2– Vista da cidade de Soure



Fonte: Acervo do Laboratório de estudo das cidades, 2022.

Figura 3– Imagens da cidade de Soure, Pará



Fonte: Acervo do Laboratório de estudo das cidades, 2022.

As particularidades de Soure, com seu histórico traçado urbano, economia mista e com sua importância no contexto regional, faz com que ela seja um objeto instigante de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Análise temporal do crescimento urbano de Soure entre os anos de 1980-2020

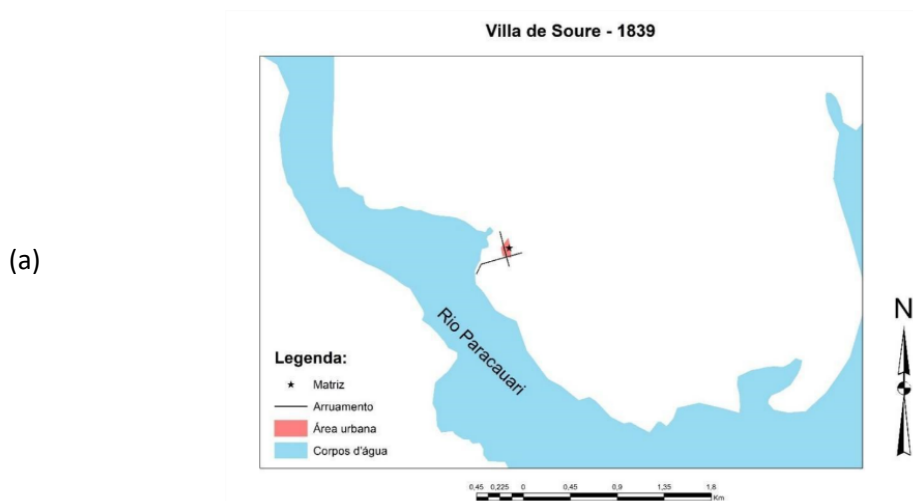
O crescimento urbano da cidade de Soure reflete as dinâmicas complexas de uma pequena cidade amazônica que, ao longo das últimas quatro décadas, enfrentou mudanças significativas em sua estrutura espacial e econômica. Entre os anos de 1980 e 2020 a área urbana da cidade vivenciou uma expansão horizontal marcante, acompanhada de desafios de planejamento urbano e infraestrutura. A análise desse crescimento urbano é essencial para compreender como fatores históricos, sociais e econômicos moldaram a cidade, que hoje desempenha papel importante como nó urbano na região.

O espaço urbano foi estruturado pela ação do Estado, representado pela Coroa Portuguesa, e da Igreja, por meio das ordens religiosas (Costa *et al.*, 2022). Esse ordenamento inicial posicionou estrategicamente a igreja matriz e o porto (trapiche) para facilitar a circulação de pessoas. A localização original da Vila de Soure, no século 17, foi reconstituída com base em relatos encontrado em jornais da época, documentos e bibliografia disponíveis em arquivos públicos (Figura 4).

A partir do final do século 19 o traçado urbano da cidade de Soure foi organizado em um padrão ortogonal, com ruas largas e bem arborizadas, características que permanecem marcantes até hoje, especialmente no centro histórico. Essa organização urbanística inicial foi atribuída, segundo relatos históricos, ao engenheiro Aarão Reis, que, posteriormente, projetou Belo Horizonte, o que reforça a importância do plano na origem da cidade. Infelizmente, apesar desta afirmação estar presente em diferentes fontes, não há evidências documentais que atestam esta ação, nem no Arquivo Público do Estado do Pará ou mesmo localmente.

Entre a década de 1980 e 2020 a cidade expandiu-se principalmente a partir do núcleo central, onde estão localizados o porto e a igreja matriz. Essa área, caracterizada por ruas pavimentadas e com maior concentração de comércios e serviços, serve como ponto de partida para o crescimento em direção às periferias.

Figura 4 – Reconstituição da Vila de Soure, em 1839, e mudanças na paisagem: (a) croqui apresentando a localização do núcleo original de Soure, em 1839; (b) fotografia da cidade de Soure, em 1908, e o mesmo local fotografado em 2022



(b)

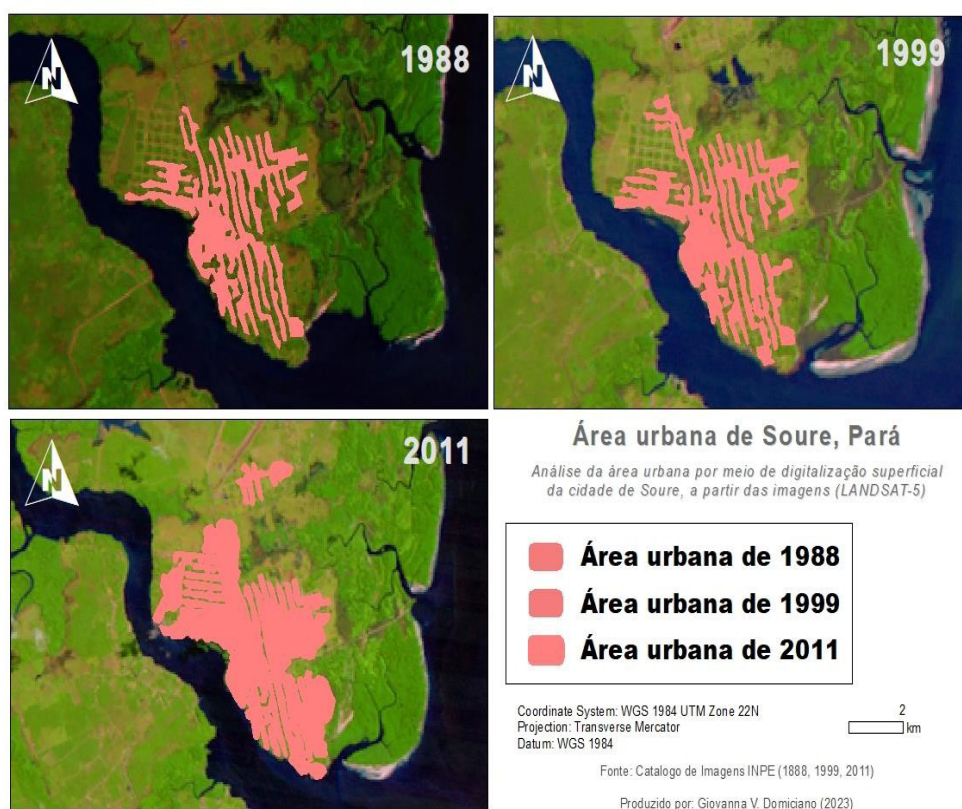


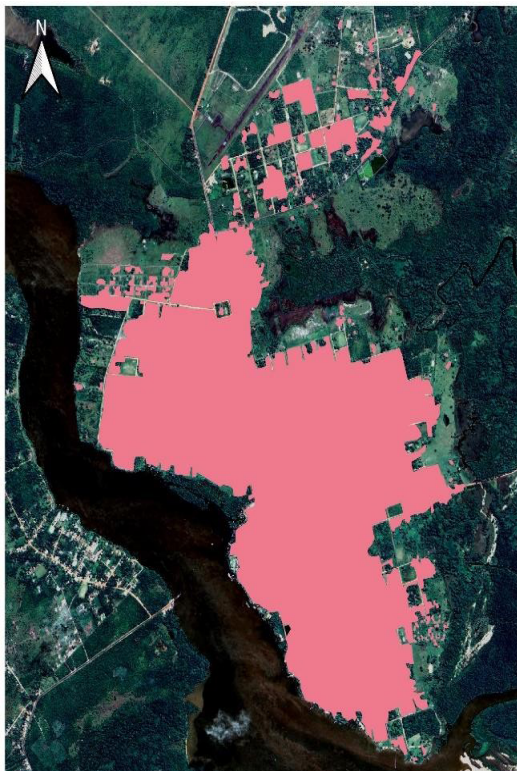
Álbum "O Pará" 1908

Fonte: Acervo do Laboratório de Estudo das Cidades. Elaborado a partir de documentos históricos (mapa) e fotografias do Álbum do Pará (1908) e obtida durante trabalho de campo.

Dados de imagens de satélite revelam que a área urbana cresceu cerca de 500% nesse período (Figura 5), com ocupações horizontais que se espalharam para bairros como Umirizal e Matinha. Essa expansão, no entanto, ocorreu com a ocupação de terrenos vazios dentro da área projetada para a cidade e a formação de zonas periféricas marcadas pela falta de infraestrutura.

Figura 5 – Crescimento da área urbana de Soure entre os anos de 1988 e 2022





Área Urbana de Soure, Pará

Análise da área urbana por meio de digitalização superficial da cidade de Soure, a partir das imagens (CBERS-4A)

■ **Área Urbana em 2022**

0 2 km

Coordinate System: WGS 1984 UTM Zone 22N
Projection: Transverse Mercator
Datum: WGS 1984

Fonte: Catálogo de Imagens INPE (2022)

Produzido por: Giovanna Vieira Domiciano

Fonte: Catálogo de imagens do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), obtida em 1988, 1999 e 2011. Produzido por Giovanna Vieira Domiciano (2023).

Em 1988 a cidade ocupava uma área de 2,42 km², passando, em 1999, a ocupar 2,83 km², um crescimento de 17%. Entre 1999 e 2011 a área urbana cresceu 78%, passando a ocupar 4,71 km², maior intensidade de crescimento no período analisado. Em 2022 a cidade passou a ocupar 6,06 km², tendo crescido 1,34 km², o que representou um crescimento de 55,3%. Em 1970 a população urbana representava quase 70% da população total, passando a representar 72% em 1980, 83% em 1991, 87% em 2000 e 91% em 2010.

Um dos fatores que impulsionou esse crescimento foi a atração exercida por sua oferta de serviços básicos, como educação e saúde, que são escassos em municípios menores do arquipélago do Marajó. Essa centralidade consolidou Soure como um ponto de referência para moradores de cidades vizinhas. Um exemplo é o número de polos de educação a distância (EaD) ou *campus* avançado de Instituição de Ensino Superior: Soure possui seis polos de EaD e um *campus* da Universidade Federal do Pará, que oferece os cursos de letras e biologia (EaD, 2023). Outro aspecto refere-se ao número e diversidade de comércios existentes em Soure (que ocorrem na área urbana ou sedes existentes na cidade).

De acordo com o governo federal (GOV, 2023), havia registro na cidade de Soure de 854 estabelecimentos comerciais, predominantemente localizados na área central e agrupados em administração pública (5), agências de turismo (8), criação de bovinos e bubalinos (13), hotéis/pensões/outras alojamentos não especificados anteriormente (26), bares/restaurantes/similares (43), agências bancárias ou similares (5), entre outras categorias variadas. Ou seja, há um setor de comércio e serviços muito intenso, que reflete a importância da cidade.

Esse crescimento populacional e de área urbana, entretanto, não foi acompanhado por investimentos em infraestrutura urbana e serviços. Muitas áreas periféricas permanecem sem pavimentação, saneamento básico ou acesso adequado à água potável, o que evidencia uma urbanização precária e desigual. Entre 1980 e 1991 houve um aumento de 66% no número de domicílios urbanos; entre 1991 e 2000 este crescimento foi mais modesto, aumentando quase 8%; de 2000 para 2010 voltou a ser verificado um aumento de 44%. Este aumento no número de domicílios não se reverteu em melhorias de acesso à infraestrutura básica, como acesso ao sistema de esgoto e ao abastecimento de água. Os dados disponíveis no site Sidra, do IBGE, demonstram que, em 1991, 17% dos domicílios urbanos tinham acesso ao abastecimento de água, tendo aumentado em 2000 (33%) e voltado a diminuir em 2010 (18,7%). Em relação ao esgoto, a situação não se alterou desde 1980 (permanece menos de 1% dos domicílios conectados à rede de coleta sem tratamento).

Um fator que merece destaque é o papel do turismo na expansão da cidade. Soure é conhecida por suas praias, como a Praia da Barra Velha, e por sua riqueza natural e cultural, que atraem visitantes da capital Belém e de outras regiões. Essa atividade contribuiu para o crescimento da economia local e incentivou a criação de pousadas e comércios voltados para o atendimento aos turistas. Existem 26 estabelecimentos voltados a este fim, e 70% começaram a funcionar depois de janeiro de 2015. Em relação ao setor de alimentação, 95% dos estabelecimentos começaram a funcionar depois de 2017. O desenvolvimento do turismo, no entanto, não foi suficiente para estimular um planejamento urbano que acompanhasse o aumento da demanda por infraestrutura.

As características intraurbanas de Soure revelam um contraste entre o centro e as áreas periféricas. Enquanto o centro é marcado por ruas pavimentadas, mesmo que precárias, e maior densidade comercial, os bairros periféricos apresentam terrenos ainda pouco ocupados, ruas de terra e poucas construções. A análise dos mapas de crescimento da área urbana mostra que o crescimento ocorreu de maneira concentrada nas áreas mais próximas ao trapiche, mas com expansão fragmentada para as áreas mais distantes.

Um aspecto relevante desse crescimento urbano é a manutenção de suas características históricas e culturais. O desenho ortogonal das ruas e a preservação de construções antigas conferem à cidade uma identidade única, que se conecta ao seu potencial turístico e que também é motivo de orgulho para os moradores. Apesar disso, o desenvolvimento urbano encontra limitações significativas devido à falta de articulação entre as esferas governamentais para criar um planejamento que converse com preservação histórica e crescimento sustentável. Ainda existem elementos do patrimônio arquitetônicos bastante degradados e que poderiam ser restaurados e utilizados como espaço de manifestação cultural, a exemplo do casarão do Sítio do Sossego (Figura 6).

O contexto regional de Soure também tem influenciado o seu padrão de crescimento. A cidade é dependente de Belém para serviços especializados e escoamento de produtos, o que limita sua autonomia econômica e reforça sua posição na hierarquia urbana regional. Essa dinâmica é característica do modelo de urbanização desarticulada (Browder; Godfrey, 1997), em que cidades menores crescem de maneira fragmentada e sem forte integração com as políticas regionais que estão concentradas nos grandes e médios centros urbanos.

Figura 6 – Casarão do Sítio do Sossego



Fonte: Acervo do Laboratório de Estudo das Cidades.

O crescimento urbano de Soure, entre 1980 e 2020, mostra os desafios enfrentados por pequenas cidades amazônicas. Investimentos em saneamento, pavimentação e ordenamento territorial são essenciais para garantir um crescimento mais equitativo e sustentável. Ao mesmo tempo, estratégias que interligam o turismo e as atividades agropecuárias ao planejamento urbano e regional na cidade são fatores que permitem potencializar o papel de Soure na rede urbana local e regional e promover uma melhoria significativa na qualidade de vida de sua população.

Perfil Socioeconômico da População

Um dos fatores que complementam a análise é o perfil socioeconômico da população e que reflete as oportunidades e os desafios enfrentados por essa pequena cidade. Dos 357 formulários aplicados nos domicílios urbanos, foi possível compreender o perfil desses moradores a partir de dados como: condições de vida, ocupação, renda e acesso a serviços básicos da população local.

Aproximadamente 70% das famílias entrevistadas disseram que nasceram na própria cidade ou em municípios vizinhos, reforçando o papel de Soure como núcleo de atração regional. As famílias possuem, em média, 4 a 5 membros por domicílio, com um número significativo de moradias chefiadas por mulheres, que representam, aproximadamente, 35% desse total.

A renda média da população é considerada baixa e programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, ainda desempenham um papel central para a renda das famílias. Aproximadamente 40% das famílias têm esse subsídio como sua principal fonte de renda, enquanto outras 25% dependem de atividades agropecuárias e do turismo, setores importantes para a economia local. A informalidade, no entanto, ainda predomina no mercado de trabalho, posto que cerca de 60% dos chefes de família atuam em atividades informais, como pesca artesanal, comércio local e serviços básicos, e 99% dos chefes de família entrevistados afirmaram que sua família não obtém nenhum tipo de rendimento proveniente da atividade turística. Isso demonstra que, apesar de a cidade possuir um apelo turístico, tal atividade não é relevante em termos de empregabilidade. O turismo, embora represente uma oportunidade econômica promissora e importante, ainda carece de infraestrutura e planejamento adequados para gerar empregos. Conforme os dados obtidos da Rais (MTE, 2022), é possível observar que o setor

de serviços, incluindo os serviços públicos, apresentam significativo crescimento ao longo do tempo, passando de 27% para 48% dos registros em carteira assinada no município. A agropecuária também é um setor de empregabilidade forte no município, por causa da produção de gado bovino e bubalino, representando 32% dos profissionais com carteira assinada. Os dados sobre o setor de turismo, entretanto, são praticamente inexistentes.

Em termos de educação, a população enfrenta desafios significativos. Embora Soure disponha de escolas de Ensino Básico, a ausência de instituições de Ensino Técnico e Superior limitam as possibilidades de qualificação profissional. Esse fator é um dos motivos que faz com que muitos jovens migrem para Belém em busca de oportunidades educacionais, contribuindo para a dependência do município em relação à capital no que diz respeito ao setor de serviços. Por exemplo, entre as classificações propostas pelo Regic (IBGE, 2018), a cidade de Soure é classificada como aglomerado urbano e está inserida na rede urbana de Belém, pois a capital possui maior influência na região. Soure, porém, foi classificada como centro local e exerce influência restrita aos seus próprios limites territoriais, podendo, assim, atrair alguma população moradora de outras cidades para temas específicos, mas não sendo destino principal de nenhuma outra cidade (IBGE, 2018). De acordo com os dados do Regic, Soure possui, regionalmente, um vínculo maior com Cachoeira do Arari, cidade localizada a mais 90 km, acessada pela rodovia PA-154.

O acesso a serviços básicos também é marcado por fragilidades. O saneamento básico é praticamente inexistente em áreas periféricas, com menos de 30% das residências conectadas à rede de esgoto, enquanto a coleta de resíduos sólidos é irregular e frequentemente improvisada pelos próprios moradores. Apesar da disponibilidade de energia elétrica para a maior parte da população urbana, a iluminação pública ainda é deficiente em bairros mais afastados, como Umirizal e Matinha.

Os dados evidenciam que Soure possui desafios a serem enfrentados, tais como a combinação de baixa renda, alta informalidade e deficiências na infraestrutura urbana, que limitam as possibilidades de crescimento econômico e melhoria da qualidade de vida de sua população. Investimentos por parte de políticas públicas em saneamento básico, acesso à água potável, pavimentação e educação, são fatores que podem impactar positivamente a realidade local e potencializar Soure como um polo turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situada na Região Intermediária do Marajó, Soure combina riquezas naturais, como praias de água doce e áreas de manguezais, com traços culturais marcantes que refletem sua história como uma comunidade ribeirinha. A área urbana expandiu-se 500% em quatro décadas, passando de 2,42 km² (1988) para 6,06 km² (2022), com pico de crescimento (78%) entre 1999 e 2011. Essa expansão, contudo, não foi acompanhada por infraestrutura adequada, gerando periferias com déficits críticos em saneamento, pavimentação e iluminação pública. Ou seja, essa expansão urbana é desigual, pois o centro da cidade apresenta condições relativamente melhores, com maior densidade comercial e serviços disponíveis, enquanto áreas periféricas enfrentam precariedade, como ausência de saneamento básico, pavimentação e acesso confiável à água potável.

A base econômica associa pecuária bubalina (32% dos empregos formais) e turismo (26 estabelecimentos hoteleiros), mas este último não gera renda significativa para a população local: 99% das famílias não obtêm rendimentos do setor. A informalidade atinge 60% da força de trabalho, concentrada em pesca, comércio de pequena escala e serviços precários.

Soure funciona como “centro local” (classificação Regic/IBGE), com influência restrita ao próprio território e vínculos frágeis com cidades vizinhas (por exemplo Cachoeira do Arari). A dependência de Belém persiste para serviços especializados, como a educação técnica/superior, reforçando assimetrias na hierarquia urbana.

A preservação dos aspectos históricos e culturais da cidade, aliados ao planejamento urbano e territorial, pode oferecer uma estratégia para mitigar desigualdades sociais e econômicas. Soure é conhecida por suas manifestações culturais, como festividades tradicionais e o uso do búfalo como símbolo local, tanto na economia quanto no cotidiano. A integração desses elementos à sua identidade urbana é essencial para integrar preservação histórica e turismo, outro nicho importante para o turismo local, além do turismo de veraneio. As praias de águas claras, como a Praia do Pesqueiro, e a rica biodiversidade da região, têm atraído visitantes, mas o setor ainda carece de infraestrutura adequada, capacitação profissional e estratégias de promoção. Investimentos em ecoturismo e turismo de base comunitária poderiam potencializar os benefícios econômicos para a população local, valorizando e preservando o meio ambiente.

Do ponto de vista socioeconômico, Soure apresenta desafios significativos. A dependência de programas de assistência social é alta, enquanto a informalidade domina o mercado de trabalho local. A renda média das famílias é baixa, limitando as oportunidades de desenvolvimento econômico sustentável. Além disso, a migração de jovens para centros urbanos maiores, como Belém, em busca de oportunidades de emprego e qualificação profissional, reduz o potencial de crescimento da cidade.

Soure exemplifica os desafios das pequenas cidades amazônicas: embora exerça funções estratégicas como nó de serviços no arquipélago do Marajó, seu crescimento, desconectado de investimentos estruturais, aprofunda desigualdades e limita seu potencial. A transformação dessa realidade exige políticas que articulem: preservação identitária (patrimônio cultural e economia local), inclusão socioespacial (infraestrutura nas periferias) e integração regional; somente assim cidades como Soure poderão cumprir seu papel na rede urbana da Amazônia, combinando desenvolvimento humano e sustentabilidade territorial.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. P. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Boletim do Museu Paraense Emílio*, p. 453-468, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200015>
- BECKER, Bertha K. *A urbe amazônica: a floresta e a cidade*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2013.
- BECKER, Bertha K. *Amazônia*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BECKER, Bertha K. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BROWDER, J. O.; GODFREY, B. J. *Rainforest cities: urbanization, development, and globalization of the Brazilian Amazon*. New York: Columbia University Press, 1997.
- CARDOSO, Ana Cláudia Duarte (org.). *O urbano e rural na Amazônia: diferentes olhares em perspectiva*. Belém: Editora da Ufpa, 2006. 215 p. V. 1.

- CARMO, Monique B. S. *Pequenas cidades do delta do Rio Amazonas: caracterização e tipologias urbanas*. 2020. Tese (Doutorado em Planejamento urbano e regional) – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Universidade do Vale 71 do Paraíba, São José dos Campos, 2020.
- CASTRO, Edna. *Cidades na floresta*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 13-39.
- CORRÊA, R. L. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 49, n. 3, p. 39-68, 1987.
- COSTA, F. A.; BRONDIZIO, E. S. Cities, nature and urban governance in Amazonia: a preliminary framework for studying urban sustainability. *Nature and Culture*, v. 4, n. 3, p. 247-272, 2009.
- COSTA, F. A. et al. *A ocupação do espaço urbano na Amazônia: dinâmicas e desafios*. Belém: Naea/Ufpa, 2022.
- COSTA, S. M. F. et al. Crescimento urbano e ocupação de várzea em pequenas cidades da Amazônia: uma discussão premente. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n. 1, p. 114-129, 2016.
- COSTA, Sandra M. F. et al. Pequenas cidades do estuário do Rio Amazonas: fluxo econômico, crescimento urbano e as novas velhas urbanidades da pequena cidade de Ponta de Pedras. *REDES – Rev. Des. Regional*, v. 17, n. 2, p. 56-74, 2012.
- COSTA, Sandra M. F. da; DOMICIANO, Giovanna V.; CARMO, Monique S. O processo de formação e estruturação da cidade de Soure (PA), entre 1757 e 1900. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 17., Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Departamento de Geografia/UFPR, 11 a 15 nov. 2022.
- EAD. Educação a distância. *Faculdades em Soure-PA*. 10/4/2023. Disponível em: <https://www.ead.com.br/faculdades/para--soure>
- GOV. Governo Federal. *Finanças, impostos e gestão pública*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-cadastro-nacional-de-pessoas-juridicas>
- GUEDES, Gilvan; COSTA, Sandra; BRONDÍZIO, Eduardo. Revisiting the hierarchy of urban areas in the Brazilian Amazon: a multilevel approach. *Population and environment*, v. 30, n. 4, p. 159-192, 2009.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *REGIC*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2022/tabela 4709*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4709>
- KREJCIE, R. V.; MORGAN, D. W. Determining Sample Size for Research Activities. *Educational and Psychological Measurement*, v. 30, p. 607-610, 1970.
- MACHADO, L. O. Cidades na floresta. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 1, n. 2, p. 27-45, 1999.
- MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. *Relação Anual de Informações Sociais (Rais)*. Disponível em: <https://www.rais.gov.br/sitio/index.jsf>
- MONTE-MÓR, R. L. S. Urbanização e questões territoriais no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 8, n. 2, p. 9-24, 2006.
- MONTOIA, G. R. M.; COSTA, S. M. F. A simples necessidade de continuar existindo: o acontecer solidário e os desafios das políticas públicas nas pequenas cidades da Amazônia. *Geosul*, v. 35, n. 75, p. 598-622, 2020.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 3, 2006.
- SAWYER, Donald. Urbanização da fronteira agrícola no Brasil. In: LAVINAS, L. A. (ed.). *Urbanização da fronteira*. Rio de Janeiro: IPPUR: UFRJ, 1987.
- SANTOS, Mílton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Record. 2001.
- SCHOR, Tatiana; OLIVEIRA, José Aldemir de. Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na Amazônia brasileira. *Acta Geográfica*, p. 15-30, 2011. Disponível em: <https://revista.ufrj.br/actageo/article/view/539/628>
- TAVARES, M. P. *As cidades amazônicas no contexto do desenvolvimento urbano brasileiro*. Belém: Edufpa, 1992.
- TRINDADE JR., S-C. C.; SILVA, M. A. P.; AMARAL, M. D. B. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas da Amazônia. In: TRINDADE JR., S-C. C.; TAVARES, M. G. C. (org.). *Cidades ribeirinhas da Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: Edufpa. 2008. p. 27-48.
- TRINDADE JÚNIOR, Saint-Cair Cordeiro da. *Cidades e redes urbanas na Amazônia: dinâmicas territoriais e urbanodiversidade*. Belém: Edufpa, 2013.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Cair Cordeiro. Regionalização, cidades e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. *Acta Geográfica*, v. 17, n. 43, p. 222-239, 2023. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/616610493.pdf>

Autor Correspondente

Sandra Maria Fonseca da Costa

Universidade do Vale do Paraíba – Univap

Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova, São José dos Campos/SP, Brasil. CEP 12244-390

sandra@univap.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

